



PERGUNTAS CURTAS PARA RESPOSTAS CURTAS...

Jordan ou LeBron?

LeBron.

NBA ou seleção?

NBA.

Boston ou Lisboa?

Lisboa.

Bacalhau ou hambúrguer?

Bacalhau.

Afundanço ou bloco?

Bloco.

Ataque ou defesa?

Defesa.

Dinheiro ou títulos?

Títulos.

Fama ou anonimato?

Anonimato.

Melhor jogador com quem já jogou?

Jayson Tatum.

Melhor treinador que já teve?

Joe Mazzulla.

Comida portuguesa de que sente mais falta quando está nos Estados Unidos?

Bacalhau.

Uma palavra para definir a NBA?

Competição.

Uma palavra para definir o Neemias?

Simples.

Quem foi o primeiro jogador dos Celtics que o fez sentir verdadeiramente parte da equipa?

Provavelmente o Payton Pritchard. Já o conhecia. Tínhamos treinado juntos antes e já existia alguma ligação. Quando fui para Boston recebeu-me de braços abertos. Conheci a família dele, fui muitas vezes a casa dele e ficámos muito amigos.

Tem um anel de campeão da NBA. Dá persia a olhar para ele simplesmente porque sim?

Não. Pode parecer arrogância, mas quero outro. Não quero olhar demasiado para aquele porque acho que é mais fácil sentirmo-nos satisfeitos e relaxarmos quando pensamos: “Já tenho um.” Ficar apenas em momentos de apreciação não é suficiente para mim.

Qual é a memória do título que as câmaras não conseguiram verdadeiramente captar?

O momento em que os confetis caíram. Ainda por cima fomos campeões em casa. Foi incrível. Parecia que os confetis nunca mais paravam de cair. E as celebrações nos dias seguintes também foram muito boas. A forma como a cidade nos recebeu foi especial.

Na época 2025/26, apesar de não terem sido campeões, o que aconteceu consigo que ainda não tinha acontecido anteriormente?

Individualmente, foi um ano em que consegui ganhar mais estabilidade na Liga, ganhar mais respeito de toda a gente e colocar o meu nome no meio dos melhores jogadores do mundo. Agora é continuar a trabalhar para que 2026/27 seja ainda melhor.

A palavra “titulp” provoca-lhe que sentimento?

Para mim é banal. Não me interessa muito. O que me interessa é ganhar jogos e ser campeão. Posso vir do banco, posso não jogar. O que interessa é ganhar.

Já chamou nomes em português a um adversário precisamente por saber que ele não percebia?

Claro que sim [risos].

O treinador Joe Mazzulla é tão intenso como parece?

Ainda mais.

Já tiveram grandes discussões?

Não discutimos muito. Normalmente estamos na mesma sintonia. Quando sinto alguma coisa de maneira diferente, vou falar com ele e é o primeiro a abrir a porta do gabinete para conversarmos. Acho que essa abertura é crucial para o sucesso que ele tem.

Mazzulla veio a Portugal consigo.

O que significa um treinador querer conhecer as origens de um jo-

gador?

Significa muito. Um treinador ter essa vontade de criar uma ligação fora de campo, em momentos em que nem sequer é suposto estarmos juntos, e ter disponibilidade para conhecer a minha terra, a minha família, os meus amigos, as pessoas com quem cresci e o sítio onde cresci é muito importante. Ajuda-o a perceber o contexto de eu ser como sou. E cria um ambiente em que podemos dizer tudo um ao outro sem pensar duas vezes.

Além das suas origens, o que lhe mostrou de Portugal?

Na altura eram os Santos Populares. Fomos comer umas boas sardinhas, levei-o ao Barreiro e jogámos um bocado de padel. Ele ficou mesmo português [risos]. Disse que voltaria com a mulher e os filhos, por isso vai ter de acontecer novamente.

No balneário dos Celtics, quem é o mais engraçado?

O Ron (Harper) está lá em cima. É dos mais engraçados. O Mitch (Dillon Mitchell), apesar de o ter conhecido durante pouco tempo, acho que também vai ser dos mais engraçados. E o Derrick (White) também é muito engraçado.

Quem fala mais?

O Derrick. Fala muito [risos].

Quem é que nunca levaria a jantar enquanto não acertasse contas consigo?

Jordan Walsh. Ainda me deve um jantar. Primeiro tenho de cobrar esse [risos].

O que sente quando ouve o hino português antes de um jogo da seleção?

É muito especial. Quando estou a vestir a camisola da seleção e ouço o hino antes dos jogos fico um bocado arrepiado. Entramos para o jogo sabendo que há imensa gente a contar connosco e vamos com ainda mais raça, mais força e mais vontade.

Na seleção sente que é visto como a estrela da equipa?

Eu não me vejo dessa maneira. As pessoas colocam a confiança e os holofotes onde quiserem. Dentro do balneário e dentro de campo, o nosso grupo é bastante unido e não pensamos assim.

O que pode Portugal fazer no caminho que tem pela frente?

O objetivo é qualificarmo-nos. Não queremos pensar demasiado mais à frente porque temos jogos pela frente e jogos difíceis. Sabemos que, estando focados, com a máxima concentração na forma como queremos defender e atacar cada adversário, temos hipóteses

contra todas as equipas.

Quantos jogos da Liga portuguesa de basquetebol vê?

Costumo ver. Não apenas porque gosto de basquetebol e de aprender ao ver outras pessoas jogar, mas também pela afinidade que tenho com certos jogadores. Tenho muitos amigos a jogar na Liga portuguesa e é gratificante conseguir acompanhar a época deles sempre que é possível.

O que é que um adepto que vê NBA, e até percebe de basquetebol, não consegue perceber verdadeiramente ao ver os jogos pela televisão?

É muito mais rápido do que as pessoas pensam e muito mais difícil do que parece. Tecnicamente é muito detalhado. Um pequeno passo para a esquerda ou para a direita pode ser a diferença entre um triplo completamente aberto, um lançamento muito contestado ou um desarme. Há uma enorme quantidade de nuances que nem sempre se percebem de fora.

Qual é o contacto físico mais violento debaixo do cesto?

Talvez quando estamos no poste baixo a defender e temos de contrariar o atacante com o peito. Há determinados momentos em que podemos usar o braço, mas chega uma altura em que temos mesmo de aguentar a posição com o peito. E também existe toda a questão da verticalidade debaixo do cesto, quando alguém salta para lançar e vem diretamente ao contacto connosco.

O que lhe falta conquistar na NBA? Um All-Star?

Não quero colocar limites a mim próprio. Acho que ainda tenho muito pela frente para conquistar. Claro que seria ótimo ser All-Star, seria ótimo ser MVP e conquistar todas essas coisas. Mas não quero colocar esses limites porque cada pessoa corre a sua própria corrida e temos de estar contentes com aquilo que fazemos. Mas quero outro anel.

Já pensou em continuar no basquetebol como treinador depois de terminar a carreira?

Não. Treinador, não [risos].

Nunca?

Não quero dizer nunca, mas duvido muito. Acho que ser treinador exige lidar com demasiadas coisas e com muitas dinâmicas diferentes. É demasiado intenso para mim.

E ser dono de uma equipa?

Isso já acho que sim. É mais o meu perfil. Mas por agora quero jogar e ajudar os Boston Celtics a conquistar mais vitórias.